
Trajetória política: um podcast narrativo sobre a família Hacker em Pernambuco¹

Eloisa Avani de OLIVEIRA²

Sheila Borges de OLIVEIRA³

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

Este artigo apresenta parte da pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), iniciado em 2021, que pretende responder a pergunta: “Como a família Hacker construiu a sua base política na Mata Sul de Pernambuco?”. Por meio de uma série de podcasts, vamos recuperar a memória da trajetória política da família naquela região, mais especificamente nas cidades de Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré. Para realizar o trabalho, usamos como aporte teórico Bourdieu (1987) e Fukuyama (2011), sobre campo político, Pimentel (2014) e Monteiro (2009), para trabalhar o conceito de clãs políticos, e Viana (2021), para elaborar a série de podcast narrativo e imersivo. Como base metodológica para realizar os podcasts, tomamos como base as etapas de produção segundo Prado (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; Clãs políticos; Mata Sul; Pernambuco.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é apresentar parte da pesquisa, desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que deve ser concluída no final deste ano, com o objetivo de produzir uma série de podcasts sobre a trajetória política da família Hacker em Pernambuco, mais precisamente nas cidades de Tamandaré, Rio Formoso e Sirinhaém, na Mata Sul do Estado, no litoral daquela região. Nesta série, apresentaremos a história política da família Hacker, que há mais de três décadas compõe o quadro político naquela região. Esta produção acadêmica tomou como base teórica os conceitos de campo político, ancorados em Bourdieu (1987) e Fukuyama (1996), de clã político, a partir de Pimentel (2014) e Monteiro (2016), e de podcast, segundo Silva, Santos e Oliveira (2019)

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do XX período do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: eloisa.avani@ufpe.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social do CAA-UFPE, e-mail: sheila.boliveira@ufpe.br

e Viana (2021). Esses conceitos foram fundamentais para nosso estudo, como explicaremos, de forma detalhada, mais à frente.

Assim, nossa investigação respondeu ao seguinte questionamento: Como a família Hacker construiu a sua base política no Litoral Sul de Pernambuco? Para buscar as respostas, realizamos uma metodologia que buscou analisar esse fenômeno social a partir de uma pesquisa qualitativa com base em Marconi e Lakatos (2005). Isto ocorreu por meio de um levantamento bibliográfico, descrito por Fonseca (2002), sobre o que se produziu relativo ao tema. Além disso, estamos realizando entrevistas em profundidade, conforme Gil (1999), para registrar os depoimentos realizados com membros da família, políticos, pesquisadores e cidadãos que residem naquelas cidades do Litoral Sul.

Para elaborar o produto, formatado em três episódios com cerca de vinte minutos, seguimos os passos das etapas de produção radiofônica descritas por Prado (2006). A série está sendo elaborada para o formato de podcast, que é “um arquivo de áudio de mídia, tradicionalmente um arquivo em formato de áudio, transmitido via podcasting” (ASSIS, 2014, p. 29). A linguagem do podcast será o narrativo e imersivo, que consiste em uma estratégia narrativa mais detalhada dos fatos pesquisados, utilizando uma paisagem sonora e uma profunda descrição do cenário que será apresentado para recuperar a memória da trajetória política dos Hackers, como indica Viana (2020) para este tipo de construção sonora. Além de ser comum o uso da primeira pessoa em podcasts narrativos, em que o apresentador pode se envolver na história em certo grau, sempre de forma ponderada e verídica (KISCHINHEVSKY, 2016).

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA HACKER

A família Hacker deu início à sua trajetória política no final dos anos 80. José Hildo Hacker, falecido em 2015, foi o primeiro membro da família a ingressar no campo político do Litoral Sul de Pernambuco, como candidato a vice-prefeito na cidade de Rio Formoso. Filho de um alemão com uma pernambucana, nasceu no município de São Lourenço da Mata, em Pernambuco, que fica na Região Metropolitana do Recife. Aos 18 anos de idade, ganhou de presente do padrinho uma passagem para o país de origem do pai. Lá, permaneceu por cerca de três anos para estudar o idioma local e mecânica de máquinas pesadas. Na Alemanha, teve o seu primeiro contato com a política, por meio de parentes que ocupavam cargos eletivos na região de Baden Württemberg.

Ao voltar para o Brasil, Hildo Hacker foi contratado para gerir as garagens das usinas do Grupo Othon Bezerra de Mello, do qual fazia parte a Usina Central Barreiros, localizada do município de Barreiros, que fica a 102 km da capital pernambucana. Na década de 1950, mudou-se para a cidade e lá conheceu sua esposa, Maria das Graças Araújo Hacker, atualmente com 73 anos. Do casamento, nasceram quatro filhos, Maria Aparecida Hacker de Melo, Isabel Cristina Araújo Hacker, José Hildo Hacker Júnior e Franz Araújo Hacker.

No início dos anos 70, Hildo adquiriu uma propriedade rural no município de Rio Formoso, outra cidade da Zona da Mata Sul de Pernambuco. A partir de então decide, muda-se com a família para o local. Em Rio Formoso, conhece nomes da política municipal e, em 1988, é convidado para ser vice-prefeito do candidato Francisco Pinto de Freitas, do PFL hoje União Brasil, mas não foi eleito. Na eleição de 1992, Hildo Hacker se candidatou a prefeito de Rio Formoso e colocou como vice a sua esposa, Graça Hacker, pleito no qual saíram vencedores.

Nas eleições seguintes, a família continuou nas disputas eleitorais, agora expandindo também para os municípios vizinhos de Rio Formoso: Sirinhaém e Tamandaré. Hildo Hacker, com o apoio de familiares, amigos e correligionários, transformou o sobrenome Hacker em sinônimo de hegemonia política naquela região. Em 1996, Hildo é eleito prefeito em Sirinhaém pelo PSDB. Em 2000 é reeleito, enquanto sua esposa, Graça Hacker, do PMDB, hoje MDB, venceu a eleição em Rio Formoso.

Nos pleitos municipais de 2004, 2008, 2012, 2016 e 2020, sejam com membros da própria família ou com aliados políticos, a família Hacker conseguiu vencer em algumas das cidades já citadas. A base desse clã familiar se solidificou e o sobrenome ficou amplamente popular na região. Trazendo o fenômeno para um campo teórico, ostentar determinado sobrenome, para Monteiro (2016), é substancial a expansão do capital político e simbólico para os que procuram se perpetuar no poder.

No entanto, nas eleições municipais de 2020, o cenário foi atípico. O pleito ocorreu em meio à pandemia da Covid-19, decretada em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Assim, em função desse contexto, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) registrou que, naquele pleito, o índice de abstenção chegou a 23,14% no primeiro turno e 29,5% no segundo turno em todo o Brasil.

Em Pernambuco, a porcentagem de eleitores que se abstiveram do voto também foi significativa, chegando a 18,53%. Nas cidades de Tamandaré, Rio Formoso e

Sirinhaém, as quais estavam sob a gestão, até então, da família Hacker, os índices de abstenção foram de 15,56%, 23,15% e 17,09%, respectivamente. Foi nesse contexto que os Hackers saíram derrotados, como iremos detalhar mais à frente.

Outro fator também marcou o pleito de 2020 para os Hackers: o trágico acidente que causou a morte do menino Miguel, no Recife. No dia 02 de junho de 2020, Miguel Otávio, uma criança de cinco anos, morreu ao cair do 9º andar de um prédio de luxo na capital pernambucana. Miguel era filho da empregada doméstica Mirtes Renata de Souza, e estava sob os cuidados de Sarí Corte Real, naquela ocasião, patroa de Mirtes. Sarí é esposa de Sérgio Hacker, na época, prefeito de Tamandaré. As imagens das câmeras de segurança do edifício revelaram que a criança foi deixada sozinha no elevador por Sarí antes de sair do elevador em outro andar, ir para um local no qual estavam equipamentos de ar condicionado e cair.

Cinco meses após a tragédia, a qual Sari Corte Real foi condenada a oito anos e seis meses por abandono de incapaz pela Justiça de Pernambuco, ocorreram as eleições municipais. Em Tamandaré, Sérgio Hacker, marido de Sarí Corte Real, saiu derrotado pelo atual prefeito Carrapicho, do Partido Republicanos. No mesmo pleito, em Rio Formoso, Isabel Hacker foi reeleita prefeita. Em Sirinhaém, a ex-vice-prefeita de Franz Hacker, Camila Machado, que rompeu aliança com a família, saiu vencedora na disputa. A morte do menino Miguel também pode ter influenciado no resultado, mas, como já dito, não é objetivo desta pesquisa fazer essa análise. O fato vem para o trabalho como parte da história que perpassa a trajetória política dos Hackers.

A proposta deste trabalho, produzido a partir de aportes teóricos e metodológicos que serão desenvolvidos mais adiante, tem como premissa remontar a trajetória política da família Hacker. Assim, por meio do podcast, uma mídia sonora de fácil acesso e de ampla divulgação, este trabalho favorece a disseminação de informações sobre o objeto de estudo, pois não há registros de um trabalho que apresente o histórico político dessa família, de acordo com pesquisa exploratória realizada pela autora deste artigo.

Portanto, a intenção é contribuir para que as pessoas da região possam compreender parte da história política local, gerando conhecimento e senso crítico em relação ao clã político nas cidades de Tamandaré, Rio Formoso e Sirinhaém. E, assim, compreender o fenômeno familiar dos Hackers que se mantém no poder através da linhagem parental, política e partidária há mais de 30 anos.

A pesquisa também sinaliza para a importância de se estudar esse cenário de clãs parentais tão presente na política atual. É possível encontrar famílias políticas em todo Brasil, entretanto, nas Regiões Norte/Nordeste esse fenômeno é ainda mais acentuado (PIMENTEL, 2014). Em Pernambuco, famílias como: Lyra, Coelho e Campos/Arraes seguem comandando várias cidades do Estado. A hierarquia no qual é pautada essa herança de poderes precisa ser mais estudada por teóricos das ciências políticas, mas sabe-se que é um fato bastante relevante no que diz respeito a esta perpetuação e hegemonia de linhagens parentais no âmbito social, econômico e político (MONTEIRO, 2016).

Além disso, é possível perceber um fator de largada significativo em competições políticas, pois essa hereditariedade se torna um aspecto vantajoso em relação a outros candidatos que não possuem parentescos dentro dessa organização (MONTEIRO, 2016). Portanto, propomos um mergulho na base político-familiar de uma dessas elites políticas, os Hackers, buscando entender o poder que eles exercem no Litoral Sul de Pernambuco.

CAMPO POLÍTICO

Para compreender a trajetória política da família Hacker na Mata Sul de Pernambuco, é fundamental trazer para o referencial teórico o conceito de campo social da política. O campo social, segundo Bourdieu (1986), pode ser definido como um espaço no qual os atores sociais buscam uma posição para serem reconhecidos como membro do campo, distinguindo-se, assim, dos demais indivíduos que não dominam as normas e os valores de um determinado espaço social. Isso pode ser observado nos diversos campos sociais que formam as diferentes estruturas sociais. Os agentes quando fazem parte de um campo social iniciam uma disputa para conseguir se legitimar, dominando o capital cultural próprio do campo.

Imerso nas especificidades dos inúmeros contextos e guiado também pelo empirismo, o sociólogo elaborou o conceito de campo social enquanto o empregava em distintas áreas, como: na arte, na ciência, na religião, na economia, na política, entre outras. Para Bourdieu (1989), o campo político dispõe de normas próprias e apenas certos agentes conseguem se legitimar para fazer parte dele. O autor destaca que:

O campo político é o lugar por excelência de exercício do capital simbólico: é um lugar em que existir, ser, é ser percebido. Um político é, em grande medida, um homem conhecido e reconhecido; não é um acaso se os políticos são particularmente vulneráveis ao escândalo,

sendo o escândalo gerador de descrédito, e o descrédito é o inverso da acumulação do capital simbólico. (BOURDIEU, 2014, p. 353).

O capital simbólico, como sugere Bourdieu, é um conjunto de elementos não-materiais e representativos. A busca pelo capital simbólico é uma busca por reconhecimento e validação de determinadas visões de um grupo. Além disso, há também a pretensão de influência social e transformação dos espaços nos quais esses grupos ocupam. Na sociologia, o termo “grupo” é quase sempre associado a um elemento simbólico e a uma partilha de valores, visões e crenças em comuns que indicam a formação de uma unidade. No entanto, Bourdieu afirma que, por mais que determinados grupos tenham relevância na sociedade, eles não são detentores absolutos de uma autoridade democrática, a “legitimação de um poder se mensura pelo reconhecimento que lhe é atribuído” (BOURDIEU, 2011, p. 129).

No ponto de vista bourdieusiano, o que vai estabelecer se um indivíduo exerce poder de influência e está em vantagem na estrutura hierárquica de um campo é o conjunto dos capitais que ele possui. Esse conjunto é formado pelo capital simbólico, cultural e econômico, constituindo o capital social, que é definido pelo sociólogo como:

[...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 67).

O cientista político Francis Fukuyama (1996) também traz a sua perspectiva sobre o capital social e o define como "uma capacidade que decorre da prevalência de confiança em uma sociedade ou em certas partes dessa sociedade" (1996, p. 41). No entanto, o teórico acredita que esse capital se constrói a partir de virtudes sociais, como confiabilidade, honestidade e lealdade, pois essas qualidades podem levar à construção de novas organizações, estabelecendo, desse modo, um capital social mais benéfico aos indivíduos que fazem parte dessas associações sociais.

O grupo político-familiar, objeto desta pesquisa, carrega consigo o capital social, formado pelo capital simbólico e material, simbolicamente através do “sobrenome” e materialmente através do seu capital econômico. Essa elite burocrática consegue estabelecer historicamente uma identidade que “funciona como mecanismo de

diferenciação, processo legítimo de conhecimento e de reconhecimento dos agentes nas posições ocupadas no espaço político” (MONTEIRO, 2016). Esse conceito nos ajudará a apresentar a trajetória dos Hacker no Litoral Sul Pernambucano.

CLÃ POLÍTICO

Na política contemporânea, clãs constituídos especialmente por ligações parentais estão há gerações ocupando cargos eletivos e cargos comissionados (MONTEIRO, 2016). No entanto, as instituições não evoluem de forma linear. Elas podem carregar consigo características históricas de organizações antigas. Conseguem se manter por terem a capacidade de adaptar esses elementos a inúmeros contextos nos quais estão contemporaneamente inseridos (PIMENTEL, 2014).

Um clã, seja ele político ou não, só consegue se estabelecer se gerar entre seus componentes um fator de confiabilidade. A partir de reflexões acerca dessas teorias, Pimentel conceitua clãs políticos ao afirmar que:

Os clãs políticos são organizações informais baseadas na estrutura de parentesco e orientadas para a ação política que competem com as organizações formais do sistema político, especialmente partidos políticos, pelo controle do processo político nos municípios e se reproduzem dentro da organização pública. (PIMENTEL, 2014, p.50)

Esse conceito permite entender o quadro político da Zona da Mata Sul de Pernambuco, região onde a família Hacker montou sua base eleitoral. O sociólogo brasileiro Oliveira Vianna (1995), que procurou compreender as instituições brasileiras, afirma que, no período no qual não havia leis e uma atuação do Estado, a família patriarcal ocupou uma posição determinante na formação da sociedade brasileira.

Inicialmente, o Estado brasileiro se fundamenta sob uma política de clãs constituída por proprietários de terras. Elas atuavam de forma autônoma na dinâmica local. A partir do Segundo Império, no Século XIX, os clãs familiares seguem uma organização, usando estratégias eleitorais e uma ordem política, que se dividiam entre os liberais e os conservadores. Esses grupos, formados por uma aristocracia, atendiam aos seus próprios interesses, nomeando atores do seu núcleo pessoal e familiar.

No início do Século XX, quando o sistema político brasileiro passou a ser República, o coronelismo emerge na arena política nacional. Na República oligárquica, há uma fragmentação dos partidos entre o Partido Paulista e o Partido Mineiro, formados

pela elite agrária. Para Oliveira Vianna (1995), o que cerne a estrutura política brasileira são as noções feudais, estabelecidas pelo fazendeiro e seus subservientes.

O coronelismo foi um sistema representativo, baseado em barganhas entre o poder governamental e os coronéis. Na definição de Leal (1975), o coronelismo é “um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público progressivamente fortalecido e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente os senhores de terra” (LEAL, 1975, p.40). No entanto, para o teórico, esse sistema era mais acentuado em regiões rurais. O senhor de terra, o coronel, detinha mais prestígio nas regiões onde suas propriedades se encontravam, pois havia grandes quantidades de trabalhadores que obtinham o seu sustento e o da família nesses latifúndios.

O coronelismo é um sistema que teve fim com a Segunda República, nos anos 30, no entanto, há traços desse fenômeno na atualidade, principalmente no que diz respeito ao uso da política para o próprio benefício familiar. Lima (2014) afirma que:

Mesmo com tantos avanços e conquistas, mesmo o voto sendo exercido de forma direta e secreta o mandonismo ainda tem força na política brasileira. O fenômeno ocorre com maior frequência em pequenas cidades do interior brasileiro onde a principal fonte de renda é a prefeitura. Ora, um local pouco desenvolvido, onde a economia gira em torno de uma prefeitura, o grande “coronel” será o prefeito, que usa dessa força para se beneficiar. (LIMA, 2014, p.03)

O fazer político em variadas regiões do país continua sendo pautado em aspectos de manifestações políticas históricas a exemplo dos clãs políticos-familiares, que ainda podem ser encontrados atualmente no quadro político nacional. As características e estratégias foram mudando ao longo da história, no entanto, a busca pelos interesses da própria esfera familiar mantém-se firme (MONTEIRO, 2016). Em Pernambuco, famílias políticas como os Lyras, Coelhos e Ferreiras seguem atuantes no cenário político. Atualmente, uma das mais representativas é a família Campos/Arraes.

O precursor político da família foi Miguel Arraes, falecido em 2005. Arraes foi eleito deputado estadual, deputado federal e governador de Pernambuco por três vezes. Morreu atuando como deputado. O neto Eduardo Campos, que morreu em um acidente de avião em 2014, seguiu os passos políticos do avô. Em 1987, foi chefe de gabinete de Arraes e, anos depois, em 1990, foi eleito deputado estadual. Em 94, foi eleito deputado federal, conseguindo se reeleger em 98 e em 2002. Em 1996, foi nomeado secretário da Fazenda, do terceiro governo de Arraes. Em 2004, no Governo do ex-presidente Luiz

Inácio Lula da Silva (PT), foi ministro de Ciência e Tecnologia. Em 2006, venceu a disputa para o Governo de Pernambuco, sendo reeleito em 2010 (LÍGIA, 2016).

Dando continuidade à herança política, o filho de Eduardo Campos, João Campos, assim como o pai, adentrou o campo político como chefe de gabinete do atual governador Paulo Câmara (PSB), em 2016. Nas eleições municipais de 2020, foi eleito prefeito do Recife numa disputa com a prima, Marília Arraes (PT), que já havia sido eleita vereadora da cidade em 2008 e, atualmente, é deputada federal. A disputa pela Prefeitura do Recife foi a primeira entre os membros da família Campos/Arraes. Sobre a permanência das mesmas famílias na arena política, Monteiro (2016) afirma que:

Tais configurações de forças políticas só demonstram o quanto o campo político no Estado se estrutura em torno de disputas construídas pelas, e situadas entre famílias políticas tradicionais. Muda-se o nome, permanece o sobrenome. Muda-se o agente, permanece a família. É a mudança na permanência. A mudança dos nomes na permanência dos sobrenomes com o fortalecimento do poder político das mesmas famílias políticas. O campo se estrutura em torno das mesmas famílias que mudam de posição na permanente circulação no aparelho de Estado. (MONTEIRO, 2016, p.55)

A partir da compreensão dessas teorias, será possível entender a construção do capital político dos Hackers. O intuito desta pesquisa é, além de colaborar com a comunidade acadêmica sobre um assunto que precisa ser mais abordado pela Ciência Política, contribuir com a comunidade da Zona da Mata Sul sobre a disputa política naquela região com uma série de podcasts, conceito que abordaremos a seguir.

UMA ANÁLISE SOBRE PODCAST

Foi nos Estados Unidos, em 2004, que surgiu o termo podcasting, que sugere a união de “pod”, do iPod (dispositivo digital portátil criado pela Apple) e “casting”, de “broadcasting” que significa transmissão. Quando o termo surgiu, a tecnologia de arquivos sonoros já era empregada em blogs e outros sites, porém, só era possível abrir esses arquivos nas próprias plataformas (ASSIS; LUIZ, 2010).

A partir da tecnologia, chamada RSS (Really Simple Syndication), foi possível fazer a distribuição automática desses arquivos, que não ficaram restritos apenas a sites, mas foram estendidos a outras plataformas, como iTunes e BeyondPod. Dessa forma,

expandindo a facilidade do acesso a essa mídia sonora, também aumentou o interesse de consumo e da produção de conteúdos para este formato (LUIZ, 2010).

No Brasil, os podcasts começaram a ter mais força em 2005. Assim como atualmente, os programas seguiam uma linha horizontal de mídia, possibilitando uma maior circulação desses conteúdos de maneira informal, já que não há necessidade de autorização do Estado, como é o caso dos veículos da radiodifusão (MURTA, 2016). Os formatos iniciais eram parecidos com os americanos, programas longos e sem muitas edições. Após um período, começaram a ganhar novos formatos e alcançar diferentes nichos. Cíntia Murta apud Milanetto (2016) afirma que os podcasters se tornaram os novos modelos de comunicadores e reitera que eles:

[...] produzem, de forma independente, conteúdo para um nicho: quase sempre são pessoas que resolvem falar de um assunto específico para um público específico que deseja ouvir sobre aquilo, criando uma rede de interesse. Por todo o país, centenas de podcasts tratam dos mais variados assuntos: jogos, notícias e política, história, cinema, séries televisivas, futebol, música, negócios, religião, culinária entre tantos outros. (MURTA, 2016, p.5)

Em 2006, a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) foi criada no Brasil. A partir disso, todos os anos, na associação, acontece a “PodPesquisa”, que tem como objetivo entender os ouvintes dessa mídia no Brasil. A pesquisa funciona como uma ferramenta fundamental para conhecimento do aumento e da motivação da adesão do podcast no país. Na pesquisa, realizada em 2020, estima-se que há cerca de 34,6 milhões de ouvintes no Brasil (PODPESQUISA, 2020). Palomar e Borrajo (2016) afirmam que:

A maior parte da atenção a este produto vem da onda de novos usos associados à mídia tradicional, como mobilidade na música, com Spotify ou Deezer, ou televisão em plataformas como Netflix ou Hulu. Além disso, os podcasts apresentam algumas vantagens que os tornam muito atrativos: baixo investimento para sua produção, publicidade nativa direta e estratificada, e menores custos e melhorias no acesso aos dados da telefonia móvel 4G (p. 75).

De fato, o surgimento de artefatos tecnológicos tem facilitado a democratização do acesso à informação. Os veículos convencionais, como a TV, o rádio e a internet, são os instrumentos mais comuns para disseminar descobertas, assim como incorporar, produzir e promover conteúdos dos mais diversos assuntos. Entretanto, nos últimos anos, com as possibilidades que o espaço virtual proporciona, o podcast conseguiu ascender

significativamente, tornando-se uma peça importante no impulsionamento de múltiplos campos do conhecimento, incluindo a política, que é o assunto abordado nesta pesquisa.

O fator que contribui para a admissão constante dessa mídia é o acesso à internet por meio dos aparelhos móveis, seguindo o fator da convergência tecnológica. Jenkins debate o assunto ao dizer que “os celulares se tornaram fundamentais no processo de convergência das mídias” (JENKINS, 2008 p.31). Além disso, o estudioso esclarece que a convergência “envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação” (JENKINS, 2008 p.44). Ou seja, essa transformação ocorre na medida em que produtores e consumidores criam conexões complexas e procuram se adaptar às novas tecnologias.

Diante disso, é preciso compreender o conceito de rádio expandido, de Kischinhevsky (2016). O rádio expandido, segundo ele, transborda a comunicação radiofônica para diferentes mídias, como smartphone, TV, mídias sociais, streamings de músicas, entre outras plataformas. Ele também amplia a possibilidade de interação e personalização. Desse modo, o ouvinte escolhe o tipo de conteúdo que deseja escutar.

O rádio expandido permite que diferentes tipos de conteúdos de podcasts sejam veiculados em diversas mídias e alcance diferentes públicos, como será o caso do podcast que estamos produzindo sobre o clã político dos Hackers. Para que haja uma maior adesão dos ouvintes, é preciso entender como se dá o formato do podcasting. O nosso produto será produzido em um formato do radiojornalismo narrativo imersivo, estudado por Kischinhevsky (2016) e Viana (2021). Nesse formato, é preciso que haja uma investigação em profundidade. Nela, o jornalista examina as fontes de forma cuidadosa, reunindo todas as informações expostas.

Esse discurso sonoro, no formato de radiojornalismo narrativo imersivo, busca contemplar as necessidades dos ouvintes através de um envolvimento emocional, intensificando a experiência do consumo desse tipo de conteúdo. Viana (2021, p.4) afirma que o áudio, neste modelo narrativo, é “um formato imersivo por essência, mas pode ter essa característica intensificada a depender da estrutura do conteúdo que transmite e do efeito que busca causar”. Essa estrutura pode reunir os efeitos sonoros que buscam caracterizar o local, o tom de voz do narrador e a temática em si, já que precisa haver uma identificação por parte do receptor em relação ao conteúdo.

Embora não haja um consenso quanto à conceituação do jornalismo imersivo, Viana (2021, p.9) explica que ele segue uma lógica de que “a transposição das

consciências, bem como o deslocamento de realidades, sejam motivados pelo estado psicológico, sejam pelos aparatos técnicos”. Ou seja, à medida que surgem novas tecnologias, surgem também estratégias para que o conteúdo sonoro seja mais atrativo e, assim, os ouvintes possam vivenciar este conteúdo de forma mais intensa, os envolvendo de maneira orgânica e emocional na narrativa apresentada.

Desse modo, o podcast narrativo e imersivo foi escolhido como a melhor alternativa para o propósito desta pesquisa: apresentar a trajetória política dos Hackers em Pernambuco. A série de podcasts, que está sendo produzida, foi dividida em três partes, ancorada na plataforma de áudio SoundCloud. Nela, os ouvintes têm a oportunidade de compreender parte do quadro da política local daquela família.

METODOLOGIA

Para responder à pergunta da pesquisa “Como a família Hacker construiu a sua base política no Litoral Sul de Pernambuco?”, a metodologia utilizada para este trabalho é a da pesquisa qualitativa, por meio da qual foram realizados os seguintes caminhos metodológicos: pesquisa bibliográfica, entrevista e desenvolvimento técnico para a produção de podcasts. O método qualitativo reúne diferentes técnicas de cunho interpretativo. De acordo com Marconi e Lakatos (2005), trata-se de uma análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos.

Uma das particularidades do método qualitativo é buscar, no ambiente natural, as respostas, levando em consideração o contexto e a estrutura social específica. O perfil descritivo e indutivo, levam o pesquisador a melhor compreensão de determinado fenômeno (SILVA,2008). Inicialmente, com base em Fonseca (2002), foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas que constituem o referencial teórico. Assim, foi realizada uma busca de obras relevantes já publicadas a respeito dos assuntos abordados no trabalho, a fim de dar fundamentação, direcionamento e auxílio na construção da pesquisa sobre o fenômeno político-familiar no qual a família Hacker está inserida.

Para maior compreensão da problemática estudada, foi usado como coleta de dados a entrevista. Para Gil (1999, p. 117), a entrevista é “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Desse modo, como forma de aprofundamento do objeto estudado, o tipo de entrevista aplicada foi a entrevista não-

estruturada. Para Lakatos e Marconi (2003), esse modelo de entrevista oferece liberdade ao entrevistado de se expressar.

Para este trabalho, foram entrevistados integrantes da família Hacker, pessoas da Zona da Mata Sul e cientistas políticos especialistas em política. Para a produção da série de podcasts, que é o produto final desta pesquisa, foram usadas as etapas de produção apresentadas por Prado (2006). Embora as etapas citadas pela autora sejam referentes aos programas de rádio, a estrutura descrita por ela se encaixa na produção do podcast. A autora divide as etapas de produção em: produção executiva, pré-produção, produção em andamento e pós-produção, que estão sendo executadas para a elaboração deste projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos para responder os questionamentos levantados neste trabalho foram organizados em três partes. No primeiro momento, foram abordados os conceitos sobre campo político, tendo como alicerce os teóricos Bourdieu (1987), Oliveira Vianna (1999) e Fukuyama (2011). Em seguida, levantamos os aspectos e concepções que tangem o fenômeno dos clãs políticos, usando como base os estudiosos Pimentel (2014), Leal (2012) e Monteiro (2009). Por fim, entramos nos conceitos que compreendem a mídia sonora podcast, a partir de Luiz (2019), Kischinheviky (2016) e Viana (2021). Na parte metodológica, o caminho foi o método qualitativo, no qual foram realizadas entrevistas não-estruturadas, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2001), dão maior liberdade ao pesquisador, além de oferecer a possibilidade de aprofundamento na questão estudada.

A proposta deste projeto é desenvolver uma série de podcast com três episódios. Cada episódio tem duração entre quinze a vinte minutos, nos quais foram inseridas informações sobre a trajetória da família Hacker com entrevistas com os próprios integrantes da família e pessoas que residem na região, além de pesquisadores. A estrutura do podcast se caracteriza como uma narrativa imersiva, já que traz depoimentos da própria família e de pessoas que conviveram e que convivem com ela.

O objetivo do projeto é apresentar essa trajetória política da família Hacker nesses três episódios, que será veiculada na plataforma SoundCloud, oferecendo uma contribuição ao campo acadêmico que permeia os estudos sobre a Ciência Política e a Comunicação, bem como disponibilizar aos habitantes da minha região um material significativo a respeito da política local.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Pablo de. **O feed e a fidelização do podovinte**. In: LUIZ, Lucio (Org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011
- _____. (1980). **O Capital Social** – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. [Tradução de Mariza Corrêa]. Campinas – SP, Papyrus, 1996.
- _____, Linguagem e Poder Simbólico. In: **A economia das trocas lingüísticas: O que falar quer dizer**. 2ª ed., São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FUKUYAMA, F. **Confiança: valores sociais e criação de prosperidade**. Lisboa: Gradiva, 1996
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o Município e o Regime Representativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- LÍGIA, Ana. **Biografia de Eduardo Campos**. 2016. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/biografia-de-eduardo-campos/>>. Acesso em: 03 Dez. 2021
- LIMA, Valdira Bezerra. **Ética e Política: coronelismo, voto e cabresto**. Webartigos. 2014. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/etica-e-politica-coronelismo-votoecabresto/122124/>>. Acesso em: 03 Dez. 2021
- LUIZ, Lucio (Org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.

MONTEIRO, José Marciano. **A Política como Negócio de Família. Por uma sociologia política das elites e do poder familiar.** São Paulo: LiberArs, 2016.

MURTA, Cintia Maria Gomes. **Podcast: conversaço em rede. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicaço**, Universidade de São Paulo, 4 a 7 de setembro de 2016.

PALOMAR, Rafael Linares de; BORRAJO, Elena Neira. **Serial, el programa radiofónico que resucitó el podcasting.** Área Abierta, n. 17, v. 1, p. 73-82. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/81229595.pdf>>

PIMENTA, Fabrícia Faleiros. **O campo político brasileiro: a ação parlamentar das senadoras no Congresso Nacional (1987-2003).** Brasília, 2006

PIMENTEL, Vanuccio. **A primazia dos clãs: a família na política nordestina.** Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/14236/1/New_Tese_Final.pdf>

PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SILVA, A. C. R. de. **Metodologia da pesquisa aplicada a contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações e teses.** 2. ed. 2. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

VIANA, L. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos . Comunicação Pública, [S. l.], v. 16, n. 31, 2021. DOI: 10.34629/cpublica.72.** Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72>. Acesso em: 01 mar. 2022.

VIANNA, Oliveira. **Instituições Políticas Brasileiras (Primeiro Volume).** 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995